

«O Render dos Heróis», no Império pelo Teatro Moderno de Lisboa

O espectáculo que ontem á tarde o Teatro Moderno de Lisboa apresentou no Império passa a constituir uma data para o teatro português contemporaneo, uma data festiva e de uma invulgar significação, para o que contribuíram circunstancias diversas: a importancia da peça, o talento literário do autor, a lucidez e capacidade do encenador, o nível da interpretação — em alguns casos excepcional — e a participação de outros colaboradores e circunstancias. E não pod' minimizar-se, ainda, o poder comunicativo do espectáculo.

Quando, em 1960, José Cardoso Pires publicou «O Render dos Heróis», logo esta obra constituiu uma afirmação iniludível de capacidade criadora, cujas qualidades se entroncavam, ao lado do talento literário do autor, nas melhores tradições do nosso teatro, de mestre Gil a Raul Brandão, assinalando além disso uma modernidade de factura que só um espírito culto e lucido poderia ter concebido e realizado. Cardoso Pires não abandonara o conflito burguês ou a tecla psicologista para se debruçar apenas sobre o clima popular. Erguera, sim, uma epopeia á custa de episódios que transcendem a época a que se reportam e as personagens que os vivem, para constituir um fresco de miolo humano, mas com a força dos símbolos que são chave interpretativa ou analítica da evolução e dos destinos da história portuguesa.

«O Render dos Heróis», apesar disso, da sua importancia — que nem todos reconheceram no seu justo valor — ficou á espera da oportunidade de ser posta á prova, já que uma peça de teatro, mais do que para ser lida, se destina ao palco.

E essa prova está feita, e de que maneira! Aos que, por ventura, tenham pensado que «O Render dos Heróis» era mais talento literário que teatro, ter-se-á tornado claro o seu equívoco. O espectáculo do Teatro Moderno de Lisboa atingiu uma categoria e uma altura extraordinárias, raras, se não uni-

cas, em relação a um original português.

No final do espectáculo, o entusiasmo de uns, o assombro ou a emoção de outros, eram bem significativos. Um jovem e talentoso realizador português, ainda vibrante e eufórico, dizia-nos:

— Mais do que o elogio da peça, o que você devia, agora, dizer era que o Cardoso Pires tem o dever de escrever mais peças.

Sim, todos sentiam que haviam assistido a um grande acontecimento teatral, se não de todo inesperado, pelo menos ultrapassando as melhores esperanças.

De subito, um grande escritor português desce á praça publica e faz-se entender, comunica e entusiasmo, através de uma peça escrita há anos, mas até aqui conhecida e apreciada apenas por uma minoria culta.

● A encenação

Este renascer, em grande, de «O Render dos Heróis», este milagre do palco deve-se em grande medida, ao Teatro Moderno de Lisboa, com justo relevo para Fernando Gusmão, um encenador que esteve á altura do autor, que o soube interpretar no essencial e, o que era mais importante, recriar a obra em termos de teatro. Também, para a sua carreira, «O Render dos Heróis» é uma data. Esta encenação é, decerto, o melhor, o mais importante e válido trabalho da sua vida artística.

E' certo que a peça continha muitas indicações de encenação, mas Fernando Gusmão, inteligente, tomou-as na sua justa medida, isto é, na significação literária que muitas vezes possuem. Por isso, as soluções que encontrou, soluções cénicas e meios técnicos de que se serviu, são obra sua. Soube atingir um tom justo de expressividade teatral, em que os efeitos usados reforçaram ou clarificaram as situações e ajudaram a modelar as personagens.

A sua preocupação de sublinhar certas falas por variados moldes — efeitos sonoros ou de ilumina-

ção, composição plástica ou variação do tom de representação — denunciam bem a sua clarividência. E esses sublinhados, caricaturais ou subtis, grotescos ou dramáticos, são o triunfo do espectáculo, dinámico, rico, variado e forte.

E' certo que, apesar de ser a «expressão colectiva» do mundo português das lutas liberais «O Render dos Heróis» se apoia no texto, nas falas das personagens. Essas falas, ás vezes, perdem-se, por motivos accidentais, impossíveis de evitar. Mas o recurso á gravação, em casos como o da carta escrita por «Maria Ricarda Silveira» (Carmen Dolores) ao pai, permite, certamente, melhorar a fidelidade. E num ou noutro caso será ainda possível a alguns intérpretes apurar a dicção.

De qualquer modo, utilizando inteligentemente o texto, os cenários, a marcação, a luz, os ruídos, a musica, a dança os fatos, a cor, as mutações muito rápidas (por meios simples e directos), Gusmão triunfou, ao lado de Cardoso Pires e dos componentes do Teatro Moderno de Lisboa, numa tarde inesquecível para a companhia e para o teatro português contemporaneo.

● Os intérpretes

Outra afirmação de talento e base do êxito alcançado é a interpretação. Cerca de trinta personagens e numerosa figuração constitui, para qualquer companhia portuguesa um problema grave. O Teatro Moderno de Lisboa enfrentou a dificuldade com coragem e venceu-a com brilho. Se o seu elenco não conta só actores excepcionais (e quem os possui?), o certo é que algumas criações são verdadeiramente notáveis e quase todas profissionalmente dignas e seguras. Certos intérpretes transcenderam-se a si próprios, conseguindo integrar-se num conjunto que impressiona pela capacidade e esforço demonstrados.

Em primeiro lugar temos de fa-



Uma cena de «O render dos heróis»

«O render dos heróis»

(Continuação da 5.^a página)

lar em Rui de Carvalho, no papel de «cego». Foi extraordinário, expressivo, seguro. Não deixou perder uma intenção. Comunicativo, dinâmico, representou, dançou, cantou e mimou, engrandecendo-se e engrandecendo a figura, uma espécie de «consciência» ou «sabedoria popular». O seu talento artístico, já comprovado, atingiu um ponto alto, ao nível dos grandes artistas de sempre.

A criação de Rui de Carvalho é, na realidade, um espanto.

Depois deste, outras interpretações se impuseram, de acordo com os papéis, as exigências da peça e do encenador. Cremos que, por não terem, no espectáculo, a importância do «cego» nem por isso diminuem o mérito dos artistas.

Assim, José Amaro foi um coronel «Matamundos» de excelente recorte, tal como Tomás de Macedo no sargento «Sargentanas». Souberam ser brutais e arrogantes na hora da vitória, e pusilâmines na hora da derrota, com as intenções múltiplas que aumentam a dificuldade de toda a representação e fazem, ao fim e ao cabo, o êxito do espectáculo.

Rogério Paulo, no desembargador «Silveira»; Carmen Dolores, na «Maria Ricarda Silveira»; Maria Cristina e Fernanda Alves, nas «Comadres»; ou Carlos Cabral num subsergente «Fiscal de Impostos», são outros tantos valores que se fazem notar e contribuem para a riqueza expressiva e nível do espectáculo. E isto sem esquecer Angela Ribeiro, na «Maria Angelina», ou Jaime Santos, no «padre soldado»; Maria Schulze, Rui Mendes, Luís Cerqueira, Armando Caldas, Morais e Castro, Clara Joana e outros, que souberam desempenhar papéis por vezes episódicos ou figuração, com a modéstia e o brio profissional de que o próprio Gusmão deu o exemplo.

E depois do justo elogio aos cenários e figurinos de Octávio Clérigo, há apenas a acrescentar que «O Render dos Heróis» é um espectáculo de teatro de hoje e de sempre, pois a qualidade resiste ao tempo.

José Cardoso Pires e o Teatro Moderno de Lisboa colaboraram num acontecimento que não é vulgar: comunicar, de facto, com o público, através de um autêntico espectáculo teatral.

M. de A.